

Desbravar os mistérios de Brasília e achar explicações plausíveis para os fenômenos de uma cidade com apenas 22 anos, tem sido mais do que moda, obrigação. A cidade nunca esteve tão "in". De um recente fórum de debates em São Paulo a mesas-redondas na UnB, Brasília — na última terça-feira — foi o centro das atenções do auditório da Confea (Confederação dos Arquitetos) ao ser enfocada por quatro convidados sob o aspecto "espaço e democracia".

Os oradores não seguiram a pauta à risca. Cada qual enveredou por onde mais lhe doia o calo. David Emerich, por exemplo, jornalista, preferiu a democracia ao espaço; Eurípedes P. de Camargo, presidente da Associação dos Incansáveis Moradores da Ceilândia, tentou numa linguagem despojada — a única que conhece — mostrar que a pobreza e a miséria têm sempre a mesma face, em qualquer lugar.

Já Benedito Augusto Domingos, membro da Associação Comercial e Industrial de Taguatinga e ex-administrador da cidade-satélite, apontou os privilégios concedidos ao Plano Piloto e clamou pela industrialização do DF. O único a traçar um paralelo entre as condições do espaço e a estrutura social foi Frederico Holanda, professor de arquitetura da UnB, com teses de mestrado e doutorado defendidas na Inglaterra e crítico ardoroso do que considera "os 10 mitos de Brasília".

SUJEITO OU OBJETO

O encontro foi organizado pela Associação dos Geógrafos do DF, cuja diretora Cláudia Machado, coloca várias questões a serem pensadas por todos: "A eficácia social do planejamento urbano, no caso de Brasília, está no plano da racionalidade técnica como nos apresenta o discurso dos burocratas? A população, principal interessada, deve ser sujeito ou objeto das ações de planejamento urbano? Qual o papel do intelectual na elaboração de políticas públicas?"

Cláudia considera que o planejamento urbano não é o motor nem o princípio da organização espacial — como advogam os pensamentos voluntarista e tecnocrático. E diz que "Brasília é exemplo de que os esquemas de urbanismo não são cenários que predeterminam o processo de urbanização".

MESMOS PROBLEMAS

Para o jornalista David Emerich, Brasília tem a vantagem de ser uma das poucas cidades brasileiras, cuja população ainda dispõe de tempo para se articular, apesar da cidade apresentar muitos problemas semelhantes às demais metrópoles e a despeito da política antipopular que o GDF vem adotando.

— Mas a questão de democratização de Brasília não é dada, de modo algum, pelo espaço físico. Está relacionada com a capacidade da população se articular e democratizar as questões importantes, às quais o povo não tem acesso. E essas questões incluem desde a especulação imobiliária até os projetos políticos para o DF", frisou David.

Ele mencionou os "10 por cento da população de favelados no DF", a desativação dos programas habitacionais populares e o desemprego ("os setores gráfico, industrial e de prestação de serviços não conseguem absorver nem a metade da mão-de-obra da construção civil"). Como agravante do panorama, o fato de Brasília ser "a cidade do funcionalismo público, onde a organização das pessoas sempre acaba em demissões implacáveis". E argumentou:

— Os movimentos populares não têm apresentado ao Governo propostas concretas. Sabe-se que a população quer a representação política para a Capital Federal, mas que tipo de representação? Qual seria o ônus? Sabe-se também que somos todos contra a poluição industrial, mas queremos indústrias no DF ou não?

Emerich finalizou suas considerações comentando o projeto da região geoeconômica do DF, "que não consegue absorver nem a mão-de-obra local e não tem diretriz estabelecida". Mais ainda: "No Governo, ninguém sabe quem coordena esse projeto".

CIRURGIAS

O professor Frederico Holanda compara o tipo de organização espacial de Brasília ao do início do século passado, encontrado na Inglaterra e França, por exemplo. Ou mesmo aos centros cerimoniais dos maias, no México. Logo, não se trata de nenhuma novidade urbanística. Mas o que uma cidade à beira do ano 2.000 teria em comum com construções perdidas no tempo?

—Ocorre que as ditas cidades inglesas e francesas de que falo, eram, em princípio, cidades cheias de operários e conflitos, refletindo as consequências da Revolução Industrial. Dai começaram a surgir teses do gênero "os pequenos espaços geram criminalidade: os homens necessitam de sol e ar; etc. No que deu? As estruturas contínuas de espaço foram substituídas por avenidas, clareiras urbanas cercadas por portões de ferro, vigiadas por guardas", conta Frederico Holanda.

E isso foi só o começo, segundo ele. Porque era preciso "organizar" mais

ainda o espaço para evitar turbulências e contestações operárias nas cidades. Era preciso algumas "cirurgias". Nascia, naquele exato momento, o discurso sobre "a necessidade das áreas verdes, a necessidade dos espaços distintos para cada tipo de atividade (lazer, trabalho, educação...), a cidade-funcional para todos os males".

DESAGREGAÇÃO

— Ainda que os planejadores não tenham desejado dar este sentido desarticulador a organização do espaço, na prática foi o que ocorreu. E mesmo dentro da fábrica, o modelo de dispersão espacial se perpetuou, através da divisão extrema do trabalho e da desagregação do universo dos produtores (operários). A produção só se totalizava na área da administração da fábrica. A automação, por sua vez, retirou dos operários a iniciativa e interdependência, frisou o professor da UnB.

Frederico Holanda indaga se alguém já provou que a idéia do conforto está ligada ao maior acesso às áreas verdes; ressalta, que, em Brasília, com tantas áreas liberadas, "ninguém as

utiliza"; atribui aos pilotis dos prédios, o papel de último elo entre casa e rua, "porque sob o rótulo de uma moradia coletivizada, estamos caminhando em Brasília, para a idéia de que apenas o espaço do interior da nossa casa é que realmente nos pertence e podemos controlar".

— Meu irmão, que é arquiteto, veio a Brasília e quis saber o que eram aqueles dois objetozinhos soltos no espaço. Respondi: a Câmara e o Senado. Não brinca, disse ele. O espanto não é de estranhar. O museu da Praça dos Três Poderes, entre outras construções de Brasília, tem sua porta bem escondida, mais parecendo um objeto solto no espaço sem contato com a rua, conta Frederico.

De acordo com ele, uma certa morfologia urbana — como a de Brasília, no caso — impõe bem mais dificuldades para a mudança social. Não é à toa que a História abrigou castelos feudais, em épocas de grandes revoltas operárias. Os espaços estão sempre ligados à estabilidade desejável pelo Sistema, afirma ele.

— O reverso da televisão é a superquadra, diz.

SANGUE ALERTOU

O presidente da Associação dos Incansáveis Moradores de Ceilândia, Eurípedes Camargo, manifestou sua satisfação de ver técnicos discutindo Brasília, "ao invés de tentarem nos enrolar". E frisa que a Brasília que ele conhece é a mesma com que todos os roceiros emigrantes convivem diariamente, uma cidade sem luzes, mais conhecida como cidade-satélite.

Eurípedes lembra que, "nos tempos da roça, não havia educação; mas em Ceilândia também não. Os diplomas que a gente ganha são só pra figurar nas estatísticas oficiais sobre ensino". E pondera: "Será que somos burros? Será que é culpa nossa haver tão poucos universitários em Ceilândia?"

— Os moradores com lotes em situação irregular morrem de medo de se organizar, porque isso pode significar nova expulsão. Os novos habitantes de Ceilândia, que são gente expulsa de outras terras, não esqueceram ainda a invasão de suas

casas e a falsa promessa de uma vida melhor em Ceilândia, esclareceu Eurípedes. Ele situa a origem daquela cidade-satélite na época do "milagre brasileiro", em que tudo parecia que ia dar certo. Ceilândia também foi vista, por muitos, como um fruto domilagre, algo que surgia para eliminar a favela.

— Mas Ceilândia é uma imensa favela, com 320 mil favelados. E 10 anos depois das promessas, devido aos aumentos sucessivos nos preços dos lotes, muita gente não conseguiu ainda comprar o seu. Onde estará sendo estudada uma nova Ceilândia, para os que tiveram que partir mais uma vez? Indagou o presidente da Associação. A custa de facada, tiro e morte é que os moradores de Ceilândia conseguiram do GDF o serviço de abastecimento de água, narra Eurípedes; "pois antes, com o caminhão-pipa, o pessoal disputava a água com muita violência. Foi o sangue que alertou o Governo".

Revoltado, Eurípedes opina que a criação do centro de saúde em Ceilândia foi uma forma de impedir o acesso dos moradores aos hospitais do Plano Piloto, ou seja, "triagem". E relatou uma experiência pessoal ocorrida há dias como testemunho de sua afirmação.

— Sou serralheiro. Quando caí numa serra no meu olho, fui cheio de dor pro posto de saúde, mas lá não tinha equipamento pra tratar do meu caso. Então me mandaram pra Taguatinga e assim por diante. Mas só no Plano é que o meu problema poderia ser solucionado de imediato. Enquanto isso, fiquei aguentando a dor.

As histórias e denúncias de Eurípedes Camargo não se esgotam ainda. Ele quer saber o que o GDF fará com os habitantes mais pobres de Ceilândia, assim que a cidade começar a se urbanizar um pouco mais: "O caso das autoridades com os habitantes do local é em todos os setores, inclusive no dos transportes, ("a fumaça dos ônibus vem na cara da gente e eles demoram a chegar"). Educação não é só ensinar ao povo a lavar as mãos, se não há nem serviço de limpeza urbana em Ceilândia".

"Por essas e por outras" — conclui Eurípedes — "é que o coronel da Terracap disse na nossa cara que o problema dos nordestinos em Brasília é que eles são numerosos..."

TIRO PELA CULATRA

Na opinião do ex-administrador de Taguatinga, Benedito Augusto Domingos, a idéia dos planejadores de Brasília foi a de criar uma cidade moderna não só na arquitetura, como no plano das relações sociais. As satélites só estavam previstas para 10 anos depois da construção do Plano Piloto, "tanto que, ao surgir Taguatinga, inesperadamente, não se podia fazer lá edifícios com marquises ou qualquer outra atração que viesse a retirar a atenção e os privilégios do Plano". Mas o tiro saiu pela culatra, reconhece o ex-administrador. Porque depois de Taguatinga, vieram Gama, Sobradinho, Ceilândia e tantas mais, para abrigar famílias emigradas em busca de uma nova opção de sobrevivência. Taguatinga, por exemplo, que em tese abrigaria apenas 30 mil pessoas, "hoje é um formigueiro".

Citando dados econômicos — "o DF é a 5ª maior unidade contribuinte para o imposto de renda do País, e o Plano Piloto, a maior renda per capita brasileira" — Benedito Domingos tenta mostrar que a concentração de benefícios ficou restrita ao Plano Piloto, fato que contraria, a seu ver, a evolução natural do desenvolvimento.

— O ideal seria uma Brasília puramente administrativa, com 500 mil habitantes bem situados. Uma maravilha! Mas aí estão as satélites, aí estão as favelas, típicas de um país pobre. O que fazer? Deixar a periferia sem assistência? Concentrar esforços só no Plano Piloto? Sou da tese de que se tombe o Plano, se for o caso. Mas como tomar as satélites, que nem se estru turaram ainda.

Como impedir que uma cidade cresça? Vamos tomar a miséria também? O negócio é dar meios ao crescimento, através da criação de novos empregos e da industrialização. E a mesma história da mãe que não quer dar vitamina ao filho, com medo de que cresça e perca as roupas.

O membro da Associação Comercial e Industrial de Taguatinga, pergunta de que adianta o asfalto pela metade, ou uma outra obra de porte menor, "se os moradores das satélites não têm comida nela". Julga que Ceilândia, Brazlândia, Gama, são todas elas a capital do País, pois fazem parte do DF, "mas só no nome podem ostentar esse status".

— Se não houver a participação popular, ninguém derruba a tecnocracia que decide sobre o país, em gabinetes refrigerados. Os tecnocratas se esquecem que o tempo do aventureirismo passou e, hoje, os que aqui estão são trabalhadores e gente com amor à terra. Esquecem-se que as satélites foram como filhos inesperados, nascidos antes das noites de núpcias, mas aí estão, assinala Benedito Domingos.

A aliança dos governos, entre eles o GDF, com setores econômicos privilegiados, foi destacada também pelo ex-administrador de Taguatinga.

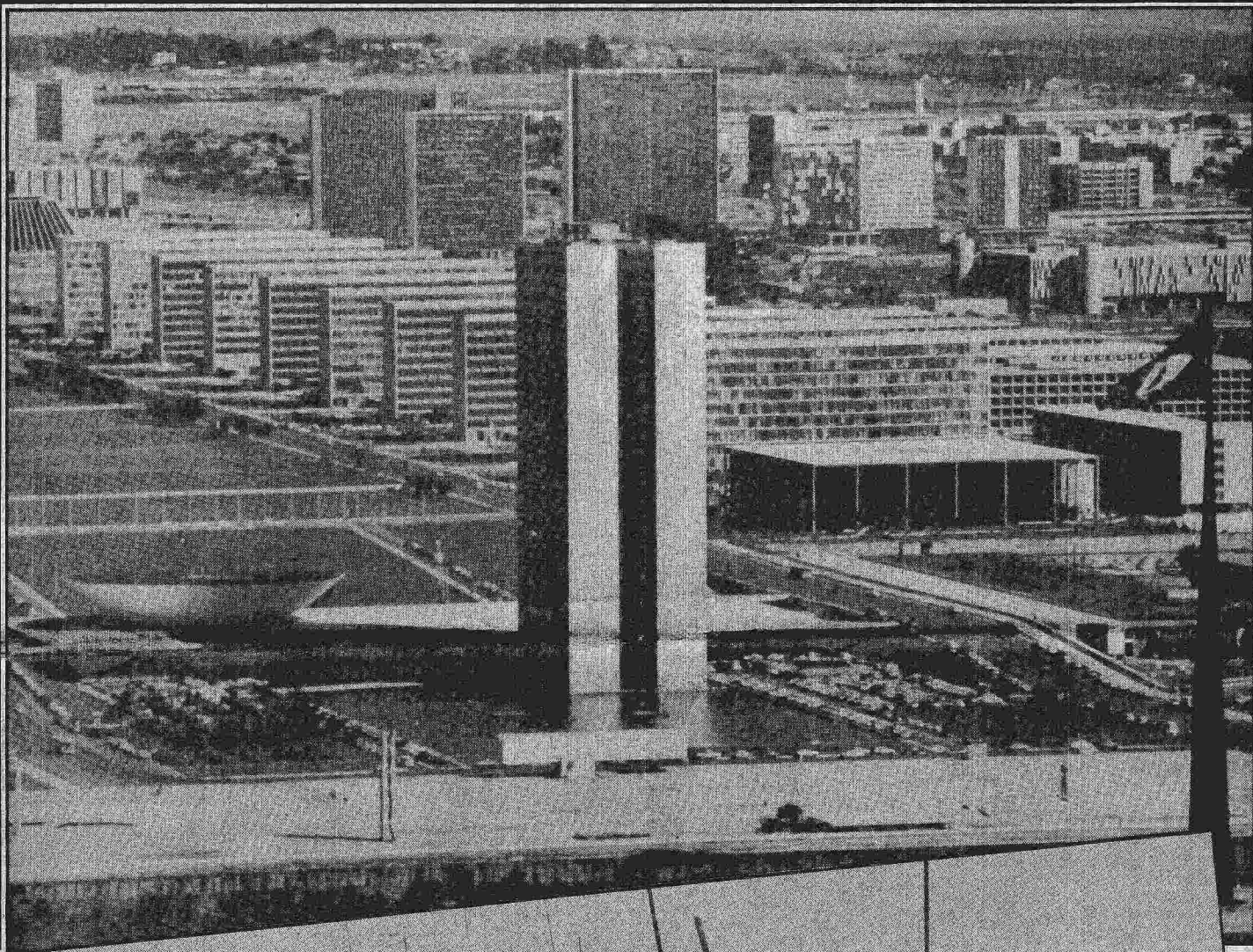
— A Terracap tornou-se a maior especuladora imobiliária do País; a classe média, em todo o Brasil, vai se extinguindo, e a ganância das financeiras — com cumplicidade das autoridades — resultará em encargos sobre as costas dos trabalhadores.

Democracia e espaço. Onde fica a miséria?

Brasília-funcional, Brasília-jardim, Brasília-opção.

Qual a verdadeira face ou quantas faces tem a cidade do Poder que, nos anos 60, era saudada como a capital da esperança?

Sheila Dunaevits
da Editoria de Cidade



Ceilândia mostra que a pobreza e a miséria têm sempre a mesma face em qualquer lugar